



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 64

Viagens de descobrimento

Branca Vianna: Tá começando mais um Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

ATO 1

A história que eu vou contar hoje podia ser resumida numa foto. É uma foto um pouco tremida, bem antiga, amarelada. É uma foto de um camelo no mar, se equilibrando em cima de uma jangada.

Só de imaginar, dá um pouco de aflição. O camelo balançando com as ondas. Ficando nervoso. Prestes a cuspir no olho de alguém. A dar um coice no pessoal que também tá ali, apertado na embarcação.

Dizem que de boas intenções o inferno tá cheio, né? E, bom, foram boas intenções que levaram o camelo até a jangada. Boas intenções e muita prepotência. Quanto à parte do inferno, a gente chega lá. Mas vamos começar do começo. Bem do começo. Dava pra começar até com a carta de Pêro Vaz de Caminha, mas eu não vou tão longe.

Em 1856 – segundo reinado, dom Pedro II – o governo brasileiro resolveu patrocinar uma viagem de descobrimento. Descobrimento entre todas as aspas, claro. Que nem o descobrimento do Cabral, em 1500 – que já tinha gente morando lá fazia tempo. Agora, nesse caso, não só os povos originários, os indígenas, mas também os colonizadores e os escravizados – já tavam morando lá há mais de três séculos.

Mas, de tempos em tempos, alguém do "centro" – seja esse centro Portugal, ou a corte do Rio de Janeiro, ou eixo Rio / São Paulo – resolve "descobrir o Brasil".

O Dom Pedro, que tinha fama de monarca ilustrado, progressista, patrocinou uma expedição de "mapeamento" do Norte do Brasil. (Norte do Brasil, que, naquele tempo, era basicamente tudo que fosse pra cima da Bahia.)

E, nessa época – antes das rodovias, bem antes do avião, e antes mais ainda do Google Maps e do Instagram –, mandar uma missão pro Norte era quase mandar uma missão pra Lua.

Delmo Moreira: Ninguém tinha ideia do que era Brasil e nem a noção de que isso aqui ia ficar um país só. Era um país ainda dividido entre as províncias que mandavam etc. E a Corte tinha um profundo desconhecimento do que acontecia no fundo.

Branca Vianna: Esse é o autor de Catorze Camelos para o Ceará, um livro que é sobre essa expedição.

Delmo Moreira: Meu nome é Delmo Moreira, sou jornalista. Fui jornalista durante uns 40 anos. Agora estou fora de redações e estou escrevendo.

Branca Vianna: A expedição nasceu com uma missão nobre. E grande.

A ideia do projeto era fazer um levantamento da flora, da fauna, dos céus e das águas – e, claro, dos recursos minerais da região inteira. Com sorte, os expedicionários iam mapear novas rotas comerciais, descobrir algum produto novo. Talvez o próximo tabaco, o próximo cacau.

Eles também queriam saber mais da vida da população, e fazer um levantamento exaustivo sobre os povos originários. A "Imperial Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte" – esse era o nome do projeto – ia resolver tudo isso.

Delmo Moreira: Vamos ver como é que é o nosso interiorzão...

Branca Vianna: O projeto foi liderado por um amigo de infância do imperador, o futuro Barão de Capanema.

Delmo Moreira: O Capanema, ele era formado em mineralogia, nas melhores escolas. Ele estudou na Alemanha, estudou na Áustria. Ele tinha uma baita formação e era um sujeito de sucesso na corte.

Branca Vianna: Eu queria que o Delmo me contasse um pouco de como eles montaram o time pra sair desbravando esse terreno.

Tinha que ter um pessoal muito preparado, né? Não bastava ter uma visão e um pouco de entusiasmo. Tinha a parte de etnografia, de mineralogia, de geografia, tinha que fazer mapa, inventário e tudo mais.

Delmo Moreira: O chefe principal que eles escolhem é o Freire Alemão, que era um grande botânico.

Branca Vianna: Então o Freire Alemão era um cientista de verdade. E esse também é o nome dele de verdade, ele não era nem freire, nem alemão, só se chamava assim. Era um botânico sério com experiência em expedições científicas.

E meio que para por aí a especialização científica dos membros da expedição. Tinha também um oficial da marinha – que até entendia do riscado e era responsável pelo levantamento hidrográfico e astronômico. Mas – apesar de ele ser bem intencionado, e saber mais ou menos o que ele tinha que fazer –, não deram recursos suficientes pra ele fazer o trabalho direito. Mas, tá, então até aqui, na chefia da missão, a gente tem o Capanema, que era o cara da mineralogia. O Freire Alemão, que era o botânico. E o oficial da marinha, que ia mapear as águas e os céus.

Delmo Moreira: O quarto nome é o Lagos. Esse sim, esse não era nada. Ele era um dândi da corte.

Branca Vianna: Um dândi da corte e péssima pessoa.

Delmo Moreira: Que era claramente um farsante, e os outros viam que ele era um farsante. O Freire Alemão ficava louco porque ele estava fazendo tudo errado, não estava seguindo direito. Tempo inteiro atrás de mulher, olhando criança, de qualquer... Tentando assediar, comprar filha de pai. Ele era descarado.

Branca Vianna: E o quinto chefe, pra minha grande surpresa, era o Gonçalves Dias – o poeta da terra que tem palmeiras onde canta o sabiá. Quando o Capanema desenhou o projeto, o Gonçalves Dias tava lá na Europa, suspirando pelos céus estrelados brasileiros... mas tudo que ele não queria era voltar pro Rio. Isso porque a mulher dele morava lá. E parece que ele tinha horror a ela.

Delmo Moreira: Quando começou já a crise de casamento aqui, ele já não estava escrevendo poesia, achava que estava num bloqueio. E ele vai com essa conversa querendo ir para a Europa, e o Dom Pedro II acerta com ele isso ele ia passar três ou quatro anos na Europa, levantando documentos sobre história e principalmente focados em educação. Ele visitava escolas, etc. Mandava os relatórios para o Pedro.

Branca Vianna: Daí o Capanema convidou o Gonçalves Dias pra ser o especialista em etnografia nessa expedição. Estudar e mapear as etnias dessas províncias do norte.

la ser um jeito dele voltar pro Brasil, mas continuar longe da mulher. E aí, aproveitaram que o Dias tava na Europa, pra encomendar os livros e equipamentos científicos que eles iam precisar.

Delmo Moreira: Só que, claro, eles não tinham nenhuma pressa de sair, porque a vida era boa, grana era boa lá. E aqui estava uma complicação no Brasil, porque a comissão começa a ter oposição política desde da criação

dela que já começa mas por que esses caras foram escolhidos, já começa uma coisa que é claramente política. Então aqui estava uma confusão desgraçada.

Branca Vianna: Apesar do apoio do imperador, a expedição enfrentou oposição ferrenha na corte desde o início. Os representantes do agro da época não tavam achando graça nenhuma nessa história de gastar dinheiro com ciência.

Dáí os expedicionários iam tocando os preparativos num ritmo beeem tranquilo. O que só devia piorar tudo pra quem já não botava fé nessa comissão. O Dias estava numa vida boa lá e aqui, eles tentando resolver, comprando as coisas. Dura dois anos esse período, dois anos a preparação. A preparação dura mais que a expedição. Quase. Dois anos de preparação.

Ok, mas quando chegaram, chegaram chegando, né? Não foi bem assim. A expedição ia começar no Ceará, porque tinha notícias de riquezas minerais por lá, e esse era um dos objetivos do projeto – talvez até o principal. Então a turma pegou um navio no Rio e desembarcou em Fortaleza em fevereiro de 1859. Eram esses chefes da expedição que a gente já falou aqui, e mais um bando de ajudantes pra cada um.

Só que – surpresa – era temporada de chuvas. E a comitiva ficou os primeiros seis meses sem viajar, esperando passar o tempo ruim. Porque ninguém podia ter previsto que não ia dar pra viajar naquela época do ano, né? Enquanto isso, o Freire Alemão ia coletando espécimes de plantas pelos arredores, o Lagos ia passando e pegando bichos pra coleção zoológica, sem ter nenhum preparo pra isso... e o Gonçalves Dias passava a maior parte do tempo traduzindo literatura alemã e batendo papo com os locais. Depois de um tempo, o Dias e o Capanema desistiram de fingir que tavam trabalhando. Eles alugaram uma casa perto de Fortaleza, que rapidamente virou um point de atividades nada científicas.

Teve mais de um pai dando queixa sobre estupro da filha, um até com duas filhas aliciadas pra essa casa. E a ronda noturna vivia achando o Capanema desmaiado de bêbado na rua e levando ele pra casa. A gente sabe dessas histórias todas porque eles mesmos contaram, em cartas e nos diários. E essas notícias também

iam chegando de volta na corte. As más línguas começavam a chamar os expedicionários de “Comissão do Defloramento”.

Delmo Moreira: Essa é uma coisa engraçada, porque obviamente as expedições estrangeiras que estiveram aqui antes, devem ter tido uma vida sexual ativa.

Branca Vianna: Deve ter tido, deve ter tido. Você pode chamar de vida sexual, eu chamo de estupro.

Branca Vianna: Bom, depois de seis meses da comissão catando plantas, bichos e mulheres pelas ruas de Fortaleza, eles começaram a viajar pelo interior. E, quando eles finalmente pegaram a estrada, não faltava perrengue: faltava água, eles se perdiam, ficavam doentes. Além disso, as várias equipes se detestavam. Então, de cara, cada uma foi fazer seu próprio roteiro – o que complicava ainda mais o planejamento das coletas científicas. No fim, meio que cada um ia passando e pegando o que dava na telha, juntando pra mandar pra corte. E tinha problemas mais profundos.

Os expedicionários não tinham ideia dos costumes locais – nem sensibilidade pra perceber que eles não tinham ideia. Então eles viviam se metendo em encrencas por onde eles passavam. Eles saíram com a certeza de que iam encontrar alguma noção de Brasil, algum sentimento de pertencimento à nação... mas eles só encontravam o pertencimento ao Ceará.

Pros moradores que eles encontravam pelo caminho, aqueles homens da corte tanto podiam ser do Rio de Janeiro ou de Paris, não fazia diferença. Eram forasteiros. Estrangeiros. E se tem um símbolo dessa confusão, dessa falta de preparo, das ideias fora do lugar são os camelos que deram nome ao livro do Delmo.

Delmo Moreira: A viagem dos camelos é muito engraçada porque eles compram, eles pedem pra Sociedade de Aclimação da França comprar. Então ela manda um naturalista para lá, para a Argélia, que era francesa, e ele vai lá e compra os camelos. E eles contratam um veterinário francês para fazer o transporte.

Branca Vianna: Os pobres camelos fizeram uma longa viagem.

Delmo Moreira: E quando eles chegam no Ceará, os camelos têm que ser botados cada um em uma baia, botado numa jangada e de jangada até a praia. Então eu até brinco que a grande novidade mesmo dos camelos foi a modalidade de transporte por jangada.

Branca Vianna: Você já viu alguma imagem de camelo em jangada? Nem eu.

Delmo Moreira: Ele já, o Dias já estava usando máquina fotográfica em Fortaleza. Quando os camelos chegam, eles já estão usando. Aí ele deve ter tirado foto da chegada dos camelos.

Branca Vianna: Se no Sahara os camelos eram usados como animais de carga pra grandes distâncias desérticas, a ideia era trazer essa tecnologia pro sertão nordestino. Esse esquema, aliás, já tinha sido implementado nos Estados Unidos e na Austrália – com sucesso.

E os camelos nesses outros lugares funcionaram muito bem até a chegada do trem, que substituiu o transporte por camelos. Mas no Brasil quase não tem trem. E também não tem camelo.

Delmo Moreira: Aqui o camelo não perde para o trem, porque o trem do Brasil nunca foi uma história bem resolvida. Ele não perde aqui no Brasil por progresso, ele perde por atraso.

Branca Vianna: Os expedicionários fizeram alguns testes curtos com os camelos no entorno de Fortaleza, mas eles acabaram desistindo logo de cara.

Um camelo morreu despencando de um barranco, os outros foram doados a fazendeiros locais, que usaram eles como atração ou só abandonaram mesmo. Anos depois, ainda se via um ou outro camelo caminhando pela cidade. Mas o projeto não decolou, e serviu de munição pros inimigos da comissão na corte. Os camelos eram uma piada pronta. E o Dom Pedro já tava perdendo a paciência. Nesse meio tempo, o Gonçalves Dias abandonou o barco e partiu pela Amazônia

adentro. Ele era filho de uma indígena com um português, o que em si já daria todo um outro episódio. E ele escrevia poemas e tratados sobre os indígenas. Nessa viagem, o Dias declarou em cartas e no diário que ele voltou a se sentir indígena.

Apesar disso, ele não se acanhava de pedir às autoridades locais pra capturar outros indígenas pra servirem a ele de remadores e de pescadores. E o Dias reclama nas cartas que seus colegas de expedição aproveitavam as paradas noturnas para se encontrar, entre muitíssimas aspas, com mulheres indígenas e ribeirinhas.

Delmo Moreira: Ele leva um escravo junto para acompanhar ele na expedição na Amazônia. E ele trata os índios, no começo com total desdém. Ao longo da viagem ele vai se aproximando mais deles e vai gostando. E daí ele larga os brancos da viagem e começa a ficar só no meio dos índios. E daí eram as fases mais alegres, acho, da vida dele. Os últimos ou os últimos trechos da expedição pelo Rio Negro. Eu acho que é difícil a gente ver escritos do Dias com mais alegria. Ele estava realmente feliz ali. Mas ele não queria voltar para o Rio.

Branca Vianna: Enquanto isso, no Ceará, o resto da turma ainda tava coletando amostras a esmo. E aí eles descobriram, com dois meses de atraso, que o orçamento do projeto tinha sido cortado. Eles iam ter que voltar e mostrar pra corte o que eles tinham conseguido. E claro que cada um tinha certeza de que tinha o suficiente pra encantar o imperador.

Até o Lagos – aquele dândi cujo comportamento com as mulheres e meninas escandalizava até os comparsas – até ele tinha certeza de que tinha juntado tudo que ele precisava. O líder da missão, o Capanema, resolveu despachar a maior parte das caixas na frente, enquanto eles desmontavam o acampamento.

E esse barco – que tava levando a maior parte do que o grupo do Capanema tinha coletado, que eram anotações, aparelhos científicos e quatro álbuns de fotos... – esse barco naufragou. Aquela imagem de que eu te falei, a foto do camelo na jangada – ela é fruto da minha imaginação. Porque nunca ninguém nunca viu as fotos que foram tiradas pela Comissão. Entre tantas outras coisas. Se você ainda tá

com a imagem na sua cabeça, pode apagar. Mais triste do que uma foto de um camelo numa jangada, só a ausência de uma foto de um camelo numa jangada.

Finalmente, em junho de 1861, mais de dois anos depois deles desembarcarem no Ceará com camelos em jangadas, os expedicionários partiram de volta pro Rio. Quer dizer: os expedicionários menos o Gonçalves Dias – que tava trancado num quarto de hotel em Manaus escrevendo poemas.

O Freire Alemão trouxe na bagagem a maior contribuição botânica que o Museu Nacional já tinha visto. Os livros comprados na Europa pelo Gonçalves Dias duplicaram a coleção da Biblioteca Nacional. Mas, pra surpresa de todos, o que conquistou a Corte – e redimiu a péssima fama da comissão – foi uma exposição. A Exposição industrial sobre produtos naturais e relativos às artes, usos e costumes da província do Ceará. E quem montou essa exposição foi o Lagos – o dândi que não entendia nada de etnologia, mas sabia tudo de Rio de Janeiro. A exposição foi um sucesso de público, de crítica e de política. Mas o grosso do levantamento teve outro fim. O que não naufragou, o que chegou até o Rio foram pilhas e mais pilhas de anotações e projetos de estudo dando conta das condições das lavouras, da saúde da população... enfim, aquele levantamento minucioso que tinha sido um dos objetivos principais do projeto.

Delmo Moreira: Essa era a ideia do Pedro II, esse era dos principais interesses dele, que era conhecer, ver como é que era lá, como é que, como é que está se organizando a sociedade lá, como é que vivem as pessoas? Tu não tinha a menor ideia como é que vivia um cara no interior do Ceará, no Rio de Janeiro. Era uma maneira de conhecer o país também, um belíssimo objetivo.

Branca Vianna: Só que tinha um problema. O relatório não dizia o que a Corte queria ler. E aí...

Delmo Moreira: Esse trabalho fica inédito porque esse trabalho é censurado ao final. Então, tudo o que eles tinham juntado para mostrar, os problemas de educação, os problemas de formação, de olha o que está faltando esse trabalho todo, digamos, mais social e econômico deles descreverem a

situação, esse trabalho é todo perdido, porque a situação que eles mostram é terrível e o governo acha que isso vai pegar mal para nós.

Branca Vianna: Claro que ia pegar mal. Porque aqueles problemas não eram novos. E o Norte do Brasil não era a Lua. Se ele era desconhecido – e se não tinha recursos, não era bem administrado, não dava condições básicas pros moradores – isso só podia ser culpa da Corte.

Delmo Moreira: Era esse pedaço que falava da miséria, que falavam da incúria governamental na área, que falava da falta de recursos.

Branca Vianna: O livro foi impresso, mas nunca foi distribuído. Nem o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro recebeu um exemplar. E todas aquelas coleções que vieram no barco com os expedicionários – o que não naufragou chegaram no Museu Nacional e não tinha onde guardar. Porque durante os dois anos que a expedição tava rolando, ninguém na Corte tinha parado pra pensar no que fazer com tudo aquilo. Muito da coleção de botânica ficou décadas fechada nas mesmas caixas em que ela tinha chegado. Algumas coisas mofaram. Outras foram parar em casas particulares, e nunca mais se teve notícia. Aí veio o incêndio do Museu Nacional. Mas uma parte das coletas da Comissão sobreviveu para contar a história.

Muitos dos grandes avanços científicos, ao longo da história, vêm com asteriscos. São sacrifícios que foram feitos em nome do avanço do conhecimento. E a gente sabe quem costuma sacrificar e quem costuma ser sacrificado nesses cálculos. Mas o que mais me choca na história dessa expedição é o quanto que os crimes e transgressões dos expedicionários não parecem pesar mais, nem hoje em dia, do que os poucos resultados científicos, ou do que as ambições iniciais. Mesmo que eles tivessem revolucionado o nosso conhecimento do Brasil: será que os estragos que eles deixaram teriam valido a pena? Os catorze camelos argelinos são só uma nota de rodapé nessa confusão toda. Mais catorze vítimas numa longa lista de vítimas.

Branca Vianna: A segunda viagem de descobrimento do episódio de hoje é bem mais curtinha que a primeira. São uns vinte quilômetros de início ao fim. Mas nesses vinte quilômetros, tem toda a história de uma cidade – e uma briga que não quer acabar. Quem vai levar a gente nessa viagem é o Tiago Coelho.

ATO 2

Tiago Coelho: Uma das minhas músicas preferidas do Lulu Santos é "O último romântico". E ela tem um verso que, sempre que eu ouço, cala fundo em mim. É aquele: "Só falta reunir a Zona Norte à Zona Sul".

O Lulu tá falando do Rio de Janeiro, claro. Pelo meu sotaque, você já percebeu que eu sou daqui também. E eu não sou nem da Zona Norte, nem da Zona Sul – eu sou da Zona Oeste. Mas sempre me espantava esses dois mundos separados por uma barreira tão literal.

A Zona Sul do Rio de Janeiro você conhece dos cartões postais, da TV, do cinema... ela é rica, bem cuidada. É a Zona Sul da bossa nova, de frente pro mar. Já a Zona Norte é pobre, mal cuidada, esquecida... mas ela é vibrante. A Zona Norte foi quem forjou, nos quintais dela, o samba, o pagode e o funk.

Olhando no mapa, é difícil entender o que que tanto separa essas duas zonas... Tá, se você olhar num mapa com relevo, você vai notar uma montanha enorme separando uma da outra: o maciço da Tijuca. Mas, você deve tá pensando – com razão – que deve ter muitos jeitos de transpor essa montanha. Tem dois túneis, por exemplo. Tem metrô. Tem ônibus. E, ok, acho que não era exatamente dessa "união" que o Lulu Santos tava falando... porque a desunião não é só geográfica.

Mas, mesmo assim, hoje eu queria te contar sobre uma linha de ônibus que fura essa montanha várias vezes por dia, pelo túnel Santa Bárbara... e que ajuda a entender um pouco mais essa desunião. A linha em questão é a do ônibus 474.

Pra começo de conversa, se você tiver pensando no ônibus 174 (aquele do sequestro em rede nacional no ano 2000, com um desfecho trágico, que virou filme,

documentário...), esquece. Não é essa linha. O ônibus 474 tem uma história importante pra mim, como jornalista, e como pessoa, mesmo. E eu vou falar disso daqui a pouquinho. Mas antes eu queria trazer, aqui pra conversa, um cara que eu conheci recentemente, e que é mais ligado ainda nessa linha que eu: o Gabriel Weber.

Desde a graduação, o Gabriel estuda justamente o ônibus 474. O meu plano era entrevistar o Gabriel dentro do ônibus. Fazer uma parada meio "metalinguística". Mas, quando a gente se falou pela primeira vez, ele tava morando fora do Brasil, terminando o mestrado dele, então a gente teve que adiar esse plano, e conversar por vídeo, mesmo.

Tiago Coelho: Qual a cidade mesmo que você tá em Portugal? Porto?

Gabriel Weber: Eu tô no Porto, isso.

Tiago Coelho: Eu não conheço o Porto – mas, pelas fotos que eu tô vendo aqui no Google, a paisagem é bem diferente da de onde o Gabriel cresceu – pertinho de uma das pontas da linha 474.

Gabriel Weber: Então, eu cresci e morei minha vida inteira num bairro que é um bairro um pouco esquecido da cidade, e que as pessoas não sabem muito bem localizar, que é o Riachuelo.

Tiago Coelho: O Riachuelo é um bairro do subúrbio do Rio. E o subúrbio é uma zona economicamente diversa. Com cenário urbano diverso.

Gabriel Weber: O Riachuelo, ele é fronteiroço, ali, ao Jacaré, que é um que – tem o Jacaré e tem Jacarezinho, né, mas ele é fronteiroço ao Jacaré, que é o bairro e não é a favela, né?

Tiago Coelho: No subúrbio tem favela, onde tem gente que vive abaixo da linha de pobreza, mas também tem classe média baixa, e tem classe média tradicional. Nos bolsões de pobreza ali (como na maior parte dos bolsões de pobreza urbanos no Brasil), o que a gente mais vê é casa de alvenaria com tijolo aparente.

Gabriel Weber: São dois bairros industriais muito falidos da cidade...

Tiago Coelho: Mas, no subúrbio, a gente vê também umas vilas operárias antigas, de uma época em que o subúrbio era um polo industrial.

Gabriel Weber: Era esse distrito industrial fervilhante, onde a Coca-cola produzia as garrafas de vidro dela, e onde tinha a General Electric, tal...

Tiago Coelho: Isso na primeira metade do século XX.

Gabriel Weber: Eu sempre morei ali. E a minha família toda mora ali... Na verdade, eu sou desgarrado da família, porque a família mora toda numa rua, e eu moro na rua de baixo [risos].

Tiago Coelho: A família do Gabriel é uma família de classe média tradicional. O avô dele abriu uma seguradora, que fazia seguros pra essas indústrias...

Gabriel Weber: O 474 passou a fazer parte da minha vida quando eu tinha uns 14 para 15 anos, e a minha mãe meio que me liberou pra andar sozinho pela cidade.

Tiago Coelho: A mãe do Gabriel herdou essa seguradora do avô dele, e ainda trabalha com isso...

Gabriel Weber: Na verdade, ela me liberou pra andar sozinho na cidade porque convinha aos interesses dela, porque eu estudei no Pedro Segundo, e aí teve muita greve. Então ela meio que pra eu não ficar tão em casa, ela me cooptou para ser o office-boy do escritório dela. E aí, como ela tinha muito cliente em Copacabana e no centro da cidade, ela me despachava, meio que de 474, assim.

Tiago Coelho: Fora esses bicos pra empresa da mãe, o Gabriel ia pra Zona Sul de vez em quando pra ir ao cinema, ao teatro, pra ver algum show... e pra ir à praia, claro. Mas foi quando ele passou no vestibular (na UFRJ, pra cursar Arquitetura e Urbanismo), que ele começou a frequentar mais essa parte da cidade – porque boa parte dos colegas dele morava lá. E ele ia de 474.

Gabriel Weber: Eu me lembro exatamente, no primeiro período, ainda, que eu fui fazer trabalho de grupo de uma amiga minha, que inclusive é minha melhor amiga. Ela morava no Humaitá, e eu peguei o 474 pra ir pra casa dela, porque, normal, né, pra mim. E aí ok, subi a Voluntários da Pátria a pé e tal, mas ela falou assim: "Ah, Gabriel, e aí, como é que foi a vinda?" "Ah, foi um pouco tenso, porque tipo, teve esse cara que começou a dar soco no outro", e ela falou assim: "Mas você veio de quê? De metrô?", eu falei: "Não, eu vim de 474". Ela ficou horrorizada, assim. Ela falou tipo assim: "Como você pega esse ônibus, Gabriel?!" Eu falei: "Ué! Como assim? Eu não posso? Como assim?" Ela falou: "Cara, tipo, esse ônibus é o cavalo de Troia da Zona Sul", assim.

Tiago Coelho: "Esse ônibus é o cavalo de Troia da Zona Sul". Acho que toda cidade tem uma linha de ônibus que encarna a dinâmica socioespacial dela. E nenhuma outra explica tão bem o Rio quanto o 474.

Todo ano, a partir do começo de setembro – quando a cidade fica ainda mais quente – o 474 vira pauta frequente no jornal, na TV, no rádio, e nas redes sociais também. Tem gente que só chama ele de "47 CRACK" ou "linha do inferno". Quando o Gabriel se deu conta de como o ônibus que ele tava acostumado a pegar – lá perto do primeiro ponto, no Jacaré – era visto na outra ponta da linha, em Copacabana, ele começou a se ligar que aquilo podia ser um bom objeto de pesquisa pra ele em urbanismo.

Essa ideia ficou ali, dormente, porque lá pro meio da faculdade, o Gabriel conseguiu uma bolsa pra estudar em Paris, e aí ele foi, passou um tempo lá estudando, e voltou, decidido a começar a pesquisa sobre o ônibus 474.

Gabriel Weber: Eu tava planejando pra começar numa segunda-feira. Só que no sábado à noite eu saí com essa minha amiga que mora no Humaitá, e dormi na casa dela. E aí, tipo, tava com roupinha de festa, tava paramentado "modo Zona Sul", e tal, e tava com um caderninho vermelho, que eu falei, tipo: "Ah, vai que eu vejo alguma coisa, pra anotar e tal", bem antropólogo assim, bem sem noção.

Tiago Coelho: O Gabriel andou até Botafogo pra pegar o 474, como ele fazia sempre – mas dessa vez com o radar antropológico ligado.

Gabriel Weber: Aí eu entrei no 474, assim. Passei a catraca, e eu falei: "Ah, quer saber? Vou sentar lá atrás, porque sentar lá atrás no 474 é pra habituê, só, porque é onde geralmente as gangues se reúnem, pela proximidade com a porta de trás, pra poder roubar, e tudo mais. E aí eu sentei lá atrás, e aí vi que, tipo, tinha um cara do meu lado que ele tava descalço, assim, meio farrapilho, e ele tava com a mesma garrafa na mão. E atrás de mim tinha uma mulher voltando do trabalho, aparentemente, e do outro lado oposto, atrás desse cara, tava uma mãe com uma filha também, e tal. E aí eu vi que ele tava olhando muito. E eu realmente fui muito sem noção. Rio do João Gilberto, bossa nova, camisa de linho, assim, sacola do Museu do Prado, tipo, pedindo. E aí ele falou assim: "Ah, eu saí de casa há três dias, não vejo minha mãe, sei lá, há uma semana, e tô indo pra Central do Brasil encontrar com ela". E eu falei: "Cara, esse ônibus não passa na Central do Brasil há muito tempo". Ele falou: "Ah, é? Não sei o quê... Pô, deixa usar teu celular, aí, então." Eu falei: "Deixo." Mas era um telefone que tava todo quebrado, e tipo, já não atualizava, não dava pra vender, não dava pra fazer nada. Aí ele falou: "Porra, velhão esse telefone aí", eu falei: "É, não sei quê". Aí ele me perguntou: "Pô, tu tem algum trocado aí?" Aí eu abri minha carteira, e não tinha nada. Só tinha o Riocard, e sei lá, três reais, uma moeda de 25 centavos. E aí eu falei, tipo: "Ah, vou usar isso aqui pra dar início à minha pesquisa, né?" E eu tirei o meu caderninho no bolso, e falei: "Ah, vocês querem me ajudar? Eu tô fazendo o meu TCC, e é sobre o 474, e tal, não sei o quê... Tô começando agora, e eu queria perguntar por que que vocês pegam esse ônibus?" E aí, tipo, nisso as três mulheres e ele meio que se aproximaram, e nós ficamos os quatro concentrados ali nessas quatro cadeiras depois da porta. E aí eu comecei com ele, falando, tipo assim: "Qual o seu nome?" Aí ele não quis dar, falou, tipo: "Bota X". Aí eu: "Tá, tudo bem". E eu perguntei assim: "Ah, você pega o 474, pra quê?" E aí ele falou, tipo assim: "Eu pego pra roubar". E aí ele viu que eu meio que dei uma coisa pra trás, e ele falou: "Pode anotar aí: 'pra roubar'. Não sei o quê..."

Aí, nisso, a mulher que tava atrás de mim falou assim: "Faz isso não, cara, eu já caí também e... é a maior vergonha pras nossas mães, não sei o quê". Ele falou: "Eu não, eu sou bandido com muito orgulho". E aí, tipo, nisso ele levantou, e aí levantou a camisa, que eu achei que ele fosse, sei lá, mostrar uma arma, não sei quê, ele só levantou e mostrou tatuado no peito dentro de um brasão tinha tipo 157, que é o artigo do código penal para furto, né? E aí nisso que ela tava meio que tentando demovê-lo da ideia de roubar, ele começou a falar: "Ah, não". Aí eu falei: "Mas como é que você faz?" Aí ele falou: "Eu pego 474, vou até o ponto final, e vou andando dos postos 6 até o 12 no Leblon, e volto, e sei que eu vou arrumar alguma coisa, aí depois volto pra casa e tal". Ou seja, tipo, ele também era de dentro do Jacaré. E aí ela falou: "Ah, não faz isso não, porque, tipo, quando a gente cai é uma vergonha pra nossas mães, e depois elas ficam tomando..." Ela falou exatamente com essas palavras: "Elas ficam tomando mãozada na buceta", que é meio a revista, que é uma coisa meio agressiva e tal.

E aí ela vai e tira, tipo, de dentro do sutiã, um telefone gigantesco que era meio tablet, meio não sei o quê, e fala assim: "Esse celular aqui eu comprei com o suor do meu trabalho, não sei o quê... e agora eu aprendi a trabalhar, e tal". E aí eu perguntei a ela o que ela fazia com o 474, ela falou que trabalhava mesmo... Mas aí, nisso, eu já vi que o olho dele cresceu pra cima do telefone dela. E aí isso foi, tipo, essa conversa com elas duas foi por dentro do Santa Bárbara, passou o Sambódromo. E aí, assim que o ônibus tava fazendo a curva, tem uma curva depois do Sambódromo, que é meio difícil ficar em pé, ele levantou e ia soltar ali na Estácio, que era tecnicamente, ele queria ir pra a Central do Brasil. E aí nisso que ele levantou, o ônibus abriu a porta, ele foi e puxou o telefone da mão dela. Eu que tava sentado no meio dela, eu não vi, mas ela pulou por cima de mim, e começou a lutar contra ele, que era tipo quatro vezes o tamanho dela. E aí ela conseguiu o telefone de volta, eventualmente, e se pendurou na barra, e deu um maior bicão nele, que ele voou pra fora, foi parar no pilotis da Estácio, assim, tipo. E aí falou, tipo: "Ah, gordo vacilão, não sei o quê, vai me roubar? Vai me roubar nada, ladrão fudido, não sei o quê." Nisso, tipo, ele tava seguindo o caminho dele, mas como ela chamou ele de ladrão e marginal, ele se sentiu ofendido. E aí o motorista, que não fechou a porta,

que tipo lerdou, ele conseguiu correr, realçar o ônibus, subir no ônibus em movimento e entrar numa luta corporal com ela. Ele voltou, sei lá, numa espécie de sprint da droga, assim. E ela tava com a filha pequena, que devia ter, tipo, cinco anos. Voltou, puxou ela pelo colarinho, deu um soco na parede do ônibus, que quebrou a parede do ônibus. E eles começaram a lutar...

E, nisso, eu com o meu caderninho vermelho sentado no meio dos dois, e a mulher que tava do meu outro lado passou por cima de mim também e começou a dar porrada nele. E aí ela falou tipo assim: "Motorista vacilão, abre a porta, vai rodar também, não sei quê". Eu não sei quanto tempo isso durou. Eu só sei que só conseguiram chutar ele de volta na rodoviária, que é tipo uns três quilômetros dali. E aí ela começou a gritar falando: "É, eu vou lá no Tancredo, não sei quê, tu vai rodar, amanhã tu tá boiando no buraco do Lacerda e tal". E eu cheguei em casa. Foi o primeiro choque, do tipo: "Ah, realmente cheguei, e esse trabalho tem que retratar isso". Eu cheguei em casa e, sei lá, a minha mãe me olhou e falou: "Nossa, Gabriel, que que aconteceu com você, cê tá meio verde". Falei: "Caralho, você não sabe como foi as boas vindas nessa cidade".

Tiago Coelho: Além de andar de ônibus pra cima e pra baixo, o Gabriel passou a pesquisar tudo o que se falava sobre o 474 nas redes sociais. Tanto da parte de quem, de fato, circula pela linha, quanto por quem só conhece o ônibus à distância e, que, se pudesse, guardaria mais distância ainda.

Gabriel Weber: Inclusive, os grupos da Zona Sul foram uma fonte infundável de material pra pesquisa, porque, é... assim "Alerta Copacabana" e "Ipanema Presente", não sei o quê, é tipo, é recheada de senhoras fascistas simpáticas, assim...

Tiago Coelho: No YouTube, também, se você botar "ônibus 474", aparecem vários vídeos de gente da Zona Sul filmando da janela de casa. O Gabriel me mandou alguns vídeos que ele usou na pesquisa dele – e que tão linkados lá no site da Rádio Novelo, você pode ir lá ver depois, mas, só de ouvir uns trechinhos, você já consegue ter uma ideia do que que rola:

YouTube vídeo 1: Favelados filhos da puta. Polícia chegou na hora.
Copacabana, princesinha do mar.

YouTube vídeo 2: Ó a situação. Caralho, maluco. Bandidagem do caralho.
Coitado do motorista.

YouTube vídeo 3: Estamos no Rio de Janeiro, Zona Sul, o cartão postal, Pão de Açúcar. Final de semana de calor, sol, praia. Aqui está um bando que estava no ônibus assaltando, o policial acabou de parar todo mundo ali. Agora é isso aí. Aturar isso aí todo final de semana, agora. Todos os dias a bandidagem. Ó aí a paisagem, pra curtir um pouquinho. Que beleza.

Gabriel Weber: Você vê que o 474 é sempre observado pelo externo, né? Sempre essas filmagens da Zona Sul, o 474 é visto de uma janela. E tipo, assim, de cima, muito recuado, ou no máximo, assim, por trás daquela grade tubular que tem em todo prédio da Zona Sul agora. Aí fica o porteiro, assim, e a pessoa filmando por cima do porteiro, meio que se protegendo por baixo do porteiro, assim como se ela tivesse vendo, sei lá, a invasão da Crimeia.

Tiago Coelho: Esse pânico que o 474 causa na Zona Sul não é de hoje. Eu lembrei de uma reportagem antiga que de vez em quando volta a circular nas redes sociais – invariavelmente no verão. Era essa aqui, talvez você já tenha visto:

TV Manchete – Os pobres vão à praia

Entrevistada: É gente sem educação mesmo! Não pode tirar o pessoal do Méier, do mangue, e levar lá pra Copacabana! Porque eu não posso conviver com pessoas que não têm um mínimo de educação!

Tiago Coelho: É o trechinho de uma reportagem que saiu na TV Manchete nos anos 80.

TV Manchete – Os pobres vão à praia

Entrevistada: É sujeira, colocar uma pessoa bem vestida, legal, que tem educação, e colocar na praia um monte de gente que não tem educação, que

vai dizer grosseria, que vai comer farofa com galinha, vai matar essas pessoas de nojo!

Tiago Coelho: A moça que tá falando no vídeo já foi identificada, já se retratou, disse que não pensa mais desse jeito... mas muita gente ainda pensa. E é interessante esse registro dos anos 80, porque, pela pesquisa do Gabriel, foi nessa época que as tensões começaram.

Gabriel Weber: Esse deslocamento rumo à praia, ele acontece principalmente pela poluição da Baía de Guanabara.

Tiago Coelho: Isso porque não é só na Zona Sul que tem praia. Mas as praias de mar aberto, fora da Baía de Guanabara, ficam só a partir da Zona Sul da cidade – Copacabana, Ipanema, Leblon, seguindo ali pra Barra na Zona Oeste. Durante boa parte do século XX, as praias da Baía de Guanabara ainda estavam limpas.

Gabriel Weber: Então, tecnicamente, você não é obrigado a fazer Norte-Sul, você pode ir pra Ilha Governador, ou você pode ir pra praia de Ramos, e tudo mais.

Tiago Coelho: O que o Gabriel notou é que tem uma convergência temporal aí entre a Baía de Guanabara virar um grande esgoto a céu aberto e as manchetes do tipo:

Gabriel Weber: Tipo: "Gangues vêm à praia para provocar assaltos", e "Nuvem suburbana sob o sol de Ipanema", e tal...

Tiago Coelho: E tudo isso coincidindo com um plano urbanístico.

Gabriel Weber: O Jaime Lerner, que era um urbanista, foi ele quem implantou – fez com que as primeiras linhas de ônibus passassem pelo Túnel Rebouças – no que foi, na época, uma grande mudança de paradigma na cidade, porque todos esses ônibus eram obrigados a contornar pelo centro cidade pra chegar na Zona Sul. E, justamente nessa época, nesses anos 80, 83... essa questão dos ônibus e dessas viagens super longas durante o final de semana, ela é visível justamente a partir dos anos 80, assim.

Tiago Coelho: Agora: é claro que essas linhas não foram pensadas com esse fim, de facilitar a ida dos suburbanos à praia.

Gabriel Weber: O 474 é um fornecedor de mão de obra barata pra Zona Sul.

Tiago Coelho: Durante a semana o fluxo do 474 é principalmente de babás, de empregadas domésticas, de garçons, que vão do subúrbio pra Zona Sul pra servir à mesma elite que reclama dele no fim de semana. Um dos eixos da análise do Gabriel é justamente essa variação do fluxo de passageiros da linha. E é claro que não é uma coisa assim, de turnos, sabe? "Saem as babás, entram os arruaceiros". Variam as proporções, mas é todo mundo junto e misturado. E a convivência entre esse elenco tão diverso (tão diverso quanto a própria população do subúrbio, né?) faz essa análise ser ainda mais interessante.

Gabriel Weber: Em dia de semana não tem muito espaço pra arruaça, porque o controle da rotina meio que é quem manda ali, e as pessoas tão tipo – entrar no ônibus, elas entram cansadas, e elas já voltam exaustas, então é meio que mais uma das amarras do dia a dia.

Tiago Coelho: É claro que tudo o que o trabalhador não quer é bagunça no ônibus na volta pra casa... então esse microclima acaba meio que se auto-regulando. E o 474 não para, ele roda 24 horas – até porque não é só durante o dia que o serviço funciona. Se no final de semana a grã-finada da Zona Sul chama ele de "Cavalo de Tróia", durante a semana, de madrugada, ele é o Carontes, o barqueiro do inframundo, que recolhe as almas cansadas dos trabalhadores noturnos.

Gabriel Weber: O 474, de madrugada, ele atende principalmente a um público só, que são os garçons da Zona Sul.

Tiago Coelho: O Gabriel tava acostumado a pegar a linha nesse horário, voltando do cinema, das festinhas...

Gabriel Weber: Eu pegava, e era tipo o horário, pra mim, mais tranquilo do 474, porque todo mundo tava aí dormindo, e, tipo, maior paz...

Tiago Coelho: E aí, o Gabriel testemunhou uma quebra nessa paz.

Gabriel Weber: Em um certo momento, eu não lembro que ano foi...– foi antes das Olimpíadas. A prefeitura do Rio instalou um refletor pros surfistas do Arpoador, pra eles poderem pegar onda de noite, e tal. E aí, toda essa galera que era reprimida em blitz durante a luz do dia, passou a ir à praia às três da manhã, às duas da manhã, às quatro da manhã... pro Arpoador, que é mais ou menos no ponto final do 474 – pra evitar justamente essas blitz. Só que isso gerava dois problemas: primeiro, que, tipo, quando o 474 chega, você sente que ele chega, porque é realmente muito barulho. As pessoas tão muito animadas pra ir à praia.

Tiago Coelho: Isso foi em 2011. De repente, o movimento "Subúrbio vai à praia", do fim de semana, começou a acontecer no meio da madrugada em dia de semana. Os moradores do Arpoador – ali entre Copacabana e Ipanema – não ficaram felizes. Mas eles não tavam sozinhos.

Gabriel Weber: Mas também os próprios garçons começavam a entrar, tipo, em conflito, e às vezes até em porrada dentro do ônibus, porque vinha esses adolescentes todos molhados, cheios de areia, às quatro manhã, cheios de energia, e vinham esses garçons que passavam, sei lá, oito horas, nove horas em pé, tendo que dividir banco molhado, cheios de areia com as adolescentes botando um funk super alto e tal... então acabou que parou, porque a polícia passou a também fazer blitz de madrugada, até a Operação Lei Seca passou a meio que servir de apoio pra essa vigilância noturna e tal.

Tiago Coelho: Não era difícil fazer esse controle. Era só aproveitar a estrutura da Operação Lei Seca – que serve pra fiscalizar e coibir os motoristas alcoolizados – e fazer dela uma extensão da Operação Verão, que já é de lei nos fins de semana entre setembro e abril, mais ou menos. Claro que tem sempre trabalhador no 474 no fim de semana também... mas aí, ninguém consegue conter a empolgação da molecada.

Gabriel Weber: É o final de semana que realmente é onde pega fogo tudo. Mas eu acho que é onde o 474 meio que construiu a má fama dele...

Tiago Coelho: E é nessa hora que a má-fama do 474 se converte em política pública. E faz a Zona Norte e a Zona Sul ficarem mais divididas do que nunca. A fronteira entre elas, na verdade, fica mais parecida com a fronteira entre as Coreias.

Gabriel Weber: Porque em frente ao Rio Sul, onde tem um outro túnel, que é o Túnel Novo, é o túnel do Leme, que divide Botafogo de Copacabana, onde, sei lá, são quatro pistas paralelas, e um vale assim, onde a polícia geralmente monta o guichê de imigração dela, da Operação Verão. Eles exigem a apresentação da carteira de trabalho, que, pelo amor de Deus, quem vai pra praia com a carteira de trabalho, né? Quem tem emprego formal no Brasil hoje em dia, né? Agora, imagina no Jacaré... E 5 reais da volta. Tipo, a passagem, os quebrados pra passagem, porque tipo, assume-se que, se você não tem dinheiro para voltar, você vai ter que roubar alguém pra voltar pra casa, pra conseguir a passagem.

Tiago Coelho: O Gabriel já viu esse "guichê de imigração" funcionando várias vezes.

Gabriel Weber: É ali que se decide mais ou menos quem vai terminar o sábado na praia e quem vai ser encaminhado pra Delegacia da Hilário de Gouveia, sabe?

Tiago Coelho: A triagem, como você pode imaginar, é cromática.

Gabriel Weber: E aí, essas blitz, elas são geralmente só um carro com quatro homens que entram no ônibus e tiram basicamente todos os homens negros pra fora. Umás duas ou três vezes isso aconteceu, eles sempre olhavam pra mim, e achavam que eu era gringo, ou que eu tava perdido, ou sei lá, alguma outra coisa, eles nunca me tiravam. Tanto é que teve uma vez que eu levantei, porque eu achei que eu também, tipo, tinha que sair, né, pra, sei lá, seguir o coiso, e ele falou: "Não, não, você fica". E, tipo, eu fui o único homem que ficou dentro do ônibus. Foi ali que eu comecei a me dar conta que eu conseguia fluir entre esses núcleos da cidade. E isso acho que tem muito a ver também pelo fato de eu ser de classe média, e por eu ser branco, né, principalmente.

Tiago Coelho: Em 2015, eu passei num concurso literário da revista piauí e ganhei, como prêmio, um estágio de seis meses na revista. Era setembro, e o 474 tava já bombando nas redes e na imprensa, como sempre acontece quando esquentam... Mas tinha uma polêmica maior ainda naquele ano – porque tava em discussão a possibilidade de a linha encurtar: de o ponto final do ônibus mudar pro Centro da cidade – o que ia obrigar os passageiros que quisessem seguir até a Zona Sul a fazer uma baldeação.

Aquele cerceamento velado (bem porcamente velado) do direito de ir e vir já me incomodava fazia um tempo, e eu achei que essa linha de ônibus merecia uma abordagem jornalística sensível, de dentro dele – ao contrário das filmagens com mega zoom e até helicópteros que eu tava acostumado a ver na TV. Eu propus a pauta na revista, e toparam.

Num domingo de calor, eu vesti uma roupa bem simples: jeans, tênis e camiseta. Peguei só um cartão de crédito, a minha carteirinha de estudante, 20 reais, um bloquinho de anotações da piauí e uma caneta. Saí de minha casa em Jacarepaguá, e fui até o ponto final do 474 no Jacaré. Minha ideia era acompanhar uma família comum, pegando o ônibus pra ir pra praia. Eu queria evitar o sensacionalismo, e contar a história de uma família suburbana. Um tempinho no ponto, e apareceu: um casal com filhos, bolsa com toalha, água, sanduíches. As crianças carregando baldinhos e bolas. Eu me apresentei como repórter e pedi pra acompanhar o trajeto deles. Eles se sentaram no fundo do ônibus, e eu sentei junto – anotando algumas coisas que eu via, fazendo algumas perguntas...

Mas quando o 474 passou pelo bairro de São Cristóvão, um grupo de meninos entrou pela janela, outros arrombaram a porta... sentaram, ali no fundo também, e passaram a comentar histórias de furtos no mercado, e brigas na areia da praia. A família que eu tava acompanhando, que já era meio caladona, emudeceu e eu não resisti à tentação de ficar ali de butuca nas histórias dos meninos arruaceiros. Eles eram todos muito jovens. Entre 12 e 15 anos no máximo. Eu já tinha 27 anos, mas ainda tava começando no jornalismo. Na minha cabeça, pra contar a história daqueles garotos, eu precisava me apresentar pra eles. Mas eu ia me apresentar como repórter? Ia perguntar os nomes deles? A idade? Onde eles moravam? Eles eram todos menores...

Além disso, desde a proposta da pauta, eu não queria estigmatizar o ônibus, muito menos os moradores do subúrbio. Tinha muita gente ali dentro: famílias, gente indo para o trabalho, banhistas indo curtir um dia de sol. Essas outras pessoas eram a maioria dentro do ônibus. Aqueles meninos eram uma parte da história. O que eu mais tinha eram dúvidas – mas eu segurei firme no bloquinho e fiquei ali, anotando tudo o que eu via e ouvia.

A família que eu tava acompanhando desde o começo resolveu descer na praia do Flamengo – que fica na enseada da Baía de Guanabara, e tem a água mais calminha, sem onda, menos arriscado pras crianças. Depois que eles saíram do ônibus, eu fiquei 100% focado nos garotos. Os meninos só se chamavam por apelidos, e ficou marcado pra mim um que eles chamavam de "Putinha". Ele parecia o mais novo do grupo. Era bem pretinho. Os outros eram negros de pele clara, pardos. O Putinha tava sem camisa, e dava pra ver, no torso dele, uma marca bem grande de queimadura. Quando o ônibus parava no ponto, ele esticava o braço pela janela e tentava puxar os cordões das pessoas na calçada. Não conseguia. Os outros ficavam rindo dele.

Chegando em Copacabana, não deu outra: guichê de imigração. A blitz da Operação Verão parou o ônibus, e um policial subiu. Os meninos mais velhos da turma dos arruaceiros, mais espertos, se dispersaram num raio, e se espalharam pela parte da frente do ônibus... olhavam displicentes pra fora da janela. O policial até olhou pra eles com um pouco de desconfiança – mas eles tavam disfarçando tão bem, que ele seguiu reto. No fundo do ônibus só sobramos eu, o "Putinha", e um outro rapaz negro retinto que subiu no ônibus no centro do Rio – e que os meninos chamavam de "cracudo". O policial foi direto nele. Mandou ele levantar a camisa, pediu o documento. O garoto tirou um papel amarrotado de dentro das calças. Era uma certidão de nascimento. Depois ele foi até o Putinha e perguntou se ele tava ali dentro roubando. O Putinha falou que não.

Depois foi a minha vez. Foi a primeira vez que levei uma dura da polícia. O policial perguntou se eu tava com os outros garotos. Eu respondi que não. Ele me pediu os documentos. Eu mostrei a minha carteirinha de estudante da PUC – que é uma universidade tradicionalmente associada à elite branca da Zona Sul. Ele olhou pra a foto da carteirinha, depois para o meu rosto... Pegou o meu bloquinho de

anotações, onde eu tinha anotado toda a apuração daquela viagem. Ele tentou ler. Aquilo me irritou particularmente. Achei que ele não tinha aquele direito. Pro azar dele, eu tenho uma letra horrorosa, que tava ainda pior pelos sacolejos do ônibus. Ele perguntou: "Você faz o que da vida?" Eu respondi que era repórter. Ele devolveu, mal humorado: "Muito prazer, policial militar".

Naquela época, eu tava começando a me entender racialmente como negro. E de repente eu me vi ali trabalhando, e levando dura da polícia junto do "Putinha" e do outro rapaz apelidado pelos moleques de "Cracudo". A pergunta veio na minha cabeça, como na música do Caetano: "Eu sou neguinho?"

O policial desceu do ônibus. Os garotos que tinham ido pra frente voltaram pra trás. Eu achei que cabia me apresentar a eles como repórter. Me dirigi ao "Putinha", que parecia ser o mais tranquilo do grupo. Ele até me olhou disposto, mas um outro garoto, o Biel – que parecia ser o líder do grupo – disse pro "Putinha" não falar comigo. Afinal de contas, ele disse: "Repórter é igual à polícia".

Eu desci do ônibus no ponto final, que na época era no Leblon, preocupado em como contar aquela história sendo honesto com os leitores sobre tudo o que vi e que eu ouvi – mas sem jogar lenha na fogueira das tensões sociais na cidade. Naquela época – como agora de novo, nesse verão – alguns grupos de pitboys da Zona Sul tavam ameaçando formar milícias pra bater em quem tivesse participando de arrastões ou de assaltos.

Na segunda-feira, cheguei cedo na redação da piauí. Chamei o editor que tinha aprovado a pauta, o Rafael Cariello, pra dar um feedback da apuração. Contei pra ele tudo o que eu tinha visto e presenciado. Eu ali, elétrico, e ele só ouvindo. No fim, ele me disse: "Tudo isso que você me contou, põe no papel. Nessa ordem, nesse tom". Eu sentei pra escrever, e quase nem precisava consultar os meus garranchos no bloquinho.

Tava tudo terrivelmente vivo e impressionista na minha cabeça. Eu entreguei o texto, e perguntei pro Cariello se o tom tava correto. Ele respondeu: "Honesto e humano". Saiu na seção "Chegada", da revista – que hoje não existe mais –, em página dupla. Eu achava que o ônibus 474 tinha sido definidor da minha vida

profissional. Mas, olhando em retrospecto, ele atravessou uma coisa muito essencial na minha vida: dentro dele, eu me entendi negro.

No final do ano passado, o Gabriel Weber voltou pro Brasil, depois de terminar o mestrado dele em Portugal e a gente finalmente pôde tirar do papel a ideia de pegar o 474 juntos. A gente nunca tinha se visto pessoalmente, e marcou de se encontrar numa esquina da rua Lino Teixeira, no bairro do Jacaré. Era um feriado logo depois de uma das semanas mais quentes de que se tem notícia no Rio – quando bateu sensação térmica de 60 graus, e uma fã chegou a morrer de calor no show da Taylor Swift. A gente queria ter a experiência completa do 474. Mas acabou que, aquele feriado de 20 de novembro – Dia da Consciência Negra – amanheceu sem sol. As ruas tavam vazias, e eu vi logo o Gabriel parado na esquina. Chamei ele pelo nome, sem muita cerimônia. Ele se assustou. Eu me assustei com o susto dele. A gente se cumprimentou e foi caminhando em direção ao ponto final do 474.

Gabriel Weber: Daqui para lá, era onde estava o Distrito Industrial. Aqui era a fábrica da Cisper, que era uma de vidro, que fazia as da Coca-cola nos anos 80. Mas daí tudo fechou, e agora só tem tipo boteco e algumas poucas firmas. Mas que é mais reciclagem, e ferro velho, e tal. Ali, o despachante tá ali, ó. Aproveitando a pausa dele.

Despachante: Cara de pau, meu irmão...

Gabriel Weber: Tudo bem? Meu nome é Gabriel, eu fiz um trabalho do 474 ano passado contigo...

Despachante: Eu lembro!

Gabriel Weber: Que eu medi sua cabine e tudo... Como é que você acha que vai estar hoje?

Despachante: Hoje está tranquilo, hoje dá pra visitar. [risos] Dia de sol, não aconselho, não!

Tiago Coelho: Sábado, como é que foi? Sábado.

Despachante: Horrível! Sábado eu não tava, não. Graças a Deus. Ontem foi uma delícia. Hoje chovendo...

Tiago Coelho: Essa semana de sol?

Despachante: Deus me livre, rapaz! Isso é um inferno. Inferno, não! Isso é um pior um pouquinho do que o inferno. [risos]

Tiago Coelho: A Flora Thomson-DeVeaux, da Rádio Novelo, foi também, pra captar o áudio.

Flora Thomson-DeVeaux: Tiago, você não faz esse trajeto desde 2015?

Tiago Coelho: Desde 2015!

Flora Thomson-DeVeaux: Nossa senhora.

Tiago Coelho: Sim!

Gabriel Weber: Vamos pegar esse! Peraí! Valeu, seu Edson!

Despachante: Valeu, grande! Vai com Deus.

Tiago Coelho: Tá molhado...

Flora Thomson-DeVeaux: E qual a sua avaliação da nossa carruagem hoje?

Gabriel Weber: A nossa carruagem hoje tá péssima, mesmo. Olha... tem cara de ressaca, né?

Tiago Coelho: Tem...

Flora Thomson-DeVeaux: Descreve essa cara de ressaca.

Gabriel Weber: A cara de ressaca é... ali dá pra ver uns resquícios de isopor que raspou no chão, que geralmente os catadores ficam ali, naquele banco

de mobilidade reduzida, né, porque tem mais espaço pra eles porem todos os isopores ali, e viajam... Tem muita areia também, né? O chão tá esfoliante. E, cara, tá um ranço de fim de festa, tá um cheiro de ressaca aqui. De latinha quente. Estamos num ônibus sem janela, né?

Tiago Coelho: Sem janela, quer dizer: as janelas eram travadas, porque era um ônibus com ar condicionado.

Gabriel Weber: Isso é um luxo pós praia. Mas ó, dá pra ver que tem marcas de perna claraboia na ventilação.

Flora Thomson-DeVeaux: Do povo que chuta?

Gabriel Weber: Chuta para poder surfar, né?

Tiago Coelho: Na primeira vez que a gente conversou, por vídeo, o Gabriel tinha me contado um pouco sobre essa modalidade de surfe.

Gabriel Weber: Eles meio que abrem – eles conseguem, tipo, se organizar pra abrir um espaço desses nessa multidão do corredor. E aí, através de uns pontapés e de uns socos e tal, e eles conseguem liberar o acesso à cobertura, e eles viajam numa versão do surfe rodoviário que era, que acontecia mais ou menos nos trens da Central do Brasil nos anos 80 e tal, e que sobrevivem no 474, assim.

Tiago Coelho: Talvez você tenha bem claro a imagem dos surfistas ferroviários dos anos 80 e 90, talvez não. Mas a ideia do surfe ferroviário (e do rodoviário também) é a mesma do surfe nas ondas do mar: se equilibrar, em pé, sobre uma superfície totalmente instável. É uma parada perigosíssima, que me dá vertigem só de pensar. Mas o Gabriel me contou que pegou um gostinho disso, quando ele tava fazendo pesquisa de campo:

Gabriel Weber: E uma vez – quer dizer, eu não surfei no ônibus, mas eu só fui dar uma bizoiada pra ver como é que era, e realmente você consegue entender por que, tipo, fazer isso é uma forma de você estar dentro daquele espaço onde você consegue ver o Cristo Redentor, mas você vê por baixo

um sovaco suado, assim meio de esquelha e tal. E quando você chega lá em cima, você finalmente se sente o centro dessa viagem, sabe? E parece que a cidade tá toda ao seu redor. É que você domina tanto o túnel e o viaduto quanto o próprio controle do veículo.

Tiago Coelho: Ali, na experiência da vida real do dia nublado, só dava pra imaginar a cena, mesmo. A gente ainda tava esperando o ônibus sair.

Flora Thomson-DeVeaux: Então se fosse dia de sol, aqui no ponto final, já o primeiro ponto já lota.

Gabriel Weber: Aqui a gente sairia tipo cheio, mas sentado, sabe? Até porque aqui, como tem o seu Edson. Tipo, seu Edson é zen, né, e uma cara zen. De tarde tem a dona Marta, que é bem brava, assim. E não tem calote. Mas a partir do primeiro ponto que fica já onde a gente passou que é onde era aquele muro da Cisper, já tem calote e calote até o fim, até o fim.

Tiago Coelho: De novo, o Gabriel tava falando de uma coisa que ele já tinha adiantado na nossa primeira conversa: a política dos calotes. A discussão do custo da passagem de ônibus é enorme – e tem muita gente séria que argumenta que a cobrança pela passagem, de modo geral, é inconstitucional, porque ela cerceia o direito de ir e vir. O Gabriel pensa assim.

Gabriel Weber: E aí o 474, ele te ensina a observar a maneira como as pessoas driblam a catraca, de ver como essa gente consegue, por mais que, tipo, tentem sufocá-las, como elas conseguem se impor nessa luta. E tem desde rastejar por baixo, que é uma coisa mais pra criança, que basicamente todo mundo já fez, mas que é meio difícil porque o chão passa no joelho e queima... Aí tipo até um semi-compromisso de pagar uma passagem e passarem dois, três e tal, a pular a catraca ou... Tem uma hora que a catraca tá ali meio só de banco mesmo. Que o ônibus já tá tão lotado que as pessoas sentam em cima da catraca, aí já não importa muito quem vai, quem fica. Mas tem gente que realmente é uma questão de honra pagar a passagem, assim. Tipo: "Eu trabalhei, eu vou pagar a passagem", sabe? Mas tem, tipo, imagina, sei lá, você é um adolescente do Jacaré e você quer ir à praia. Tem que dar calote no 474.

Tiago Coelho: Depois de dez minutos que a gente tava ali, conversando dentro do ônibus parado, o motorista deu a partida...

Gabriel Weber: Ó o ar! Fortaleceu, hein?

Tiago Coelho: E o ar condicionado começou a dar uma refrescada. Mas, ao mesmo tempo, a gente sacou logo que o barulho do ar só ia piorar o combo do barulho do motor de caminhão com as péssimas condições de conservação da carcaça do ônibus e a maior parte da gravação tá soando assim.

Lá dentro do ônibus, a gente também não tava se ouvindo tão bem, então a viagem acabou servindo mais pro Gabriel mostrar ali, ao vivo, coisas sobre as quais ele escreveu na dissertação – e sobre as quais a gente já tinha falado na primeira entrevista. Uma coisa que eu queria que ele me mostrasse é a divisão que ele propõe da cidade, a partir do trajeto do 474.

Gabriel Weber: Aqui é Hell de Janeiro...

Tiago Coelho: A primeira parte, saindo do Jacaré, é o que ele chama de "Hell de Janeiro". Não Rio de Janeiro, mas Hell de Janeiro. "Hell" de "inferno", em inglês.

Gabriel Weber: É basicamente uma paisagem que é formada por dois símbolos principais, que são os muros – que pode ser o muro da linha do trem, que é uma coisa infinita, ou as cercas de Israel em cima das casas, ou os próprios galpões que fazem uma espécie de encastelamento, que têm guarita, muro, portão de quatro metros e tudo mais. Os fios também, porque, ao contrário da Zona Sul – na Zona Sul, onde a fiação é aterrada, e na Zona Norte tem aqueles fios todos, aqueles sei lá, às vezes nem passa mais energia ali, mas o corpo no fio fica e 50 mil postes sobrepostos, e esses fios mortos, que por um lado são horríveis, por outro lado são eles que fornecem a sombra, porque não tem árvore nessa parte da cidade. Então, tipo, geralmente quando se vai esperar o 474, quando não tem aquele modulozinho de ponto de ônibus pré-fabricado, você vai esperar ao longo da sombra do poste, assim. É uma coisa bem... fica todo mundo em fila... e é bem esvaziado, na real. E ao longo dessa linha do trem é onde é a

cracolândia do Jacarezinho. Então basicamente tudo que é fiação é roubado. Vende ali nos ferros velhos do Jacaré, que ocupam essas antigas indústrias, e vira pedra no eixo da linha do trem. E, principalmente, é uma zona da cidade que não tem nenhuma opção de lazer. Então, o 474, ele é realmente a única saída rumo ao lazer e à praia, assim.

Tiago Coelho: Pela janela do ônibus, naquele feriado nublado, dava pra ver exatamente o que o Gabriel queria dizer. A gente tava passando por um lugar em que o calote era de lei. Esses pontos até ganharam um apelido: "Os pontos abençoados".

Gabriel Weber: É aqui o ponto mais abençoado de todos, que pega aquela favela toda e o complexo da Mangueira todo. Eles sobem, vem trazendo e vêm fechando o ônibus. Às vezes tem carroça, vem carros de catador, bloqueia. Esses cracudos sobem também para ir recolher coisas na Zona Sul e voltar.

Tiago Coelho: Eu tava curioso pra ver essa dinâmica na prática de novo, pela primeira vez desde 2015...

Gabriel Weber: Aí, o primeiro invasor.

Tiago Coelho: Mas, naquele feriado nublado, o primeiro passageiro que deu calote na passagem era um entregador de iFood que tava indo pro centro pegar uma bike do Itaú pra poder começar o dia de trabalho. Não tem bike do Itaú no Hell de Janeiro.

Gabriel Weber: É mais um vendedor que...

Tiago Coelho: Depois passou outro. Trabalhador também. Um ambulante com um isopor carregado de empadas pra vender na praia.

Gabriel Weber: Aqui já começa Viadutópolis.

Tiago Coelho: A gente tava saindo já do subúrbio, e chegando no segundo trecho do trajeto do 474 que o Gabriel tinha mapeado – e batizado de "Viadutópolis". Ele tinha me explicado o conceito.

Gabriel Weber: É uma parte do Rio, em que todas as vias expressas da cidade – quer dizer, as vias principais da cidade se encontram, que é tipo Avenida Brasil, Túnel Rebouças, e é o principal nó articulador da cidade, e que demandam muita demolição pra implantação dos grandes viadutos.

Tiago Coelho: É uma zona de vias expressas, com poucos pontos de ônibus.

Gabriel Weber: O motorista consegue passar a quinta marcha. Nossa senhora, vai desmontar o ônibus.

Tiago Coelho: Pela janela a gente já consegue começar a ver alguns pontos turísticos do Rio: o sambódromo, o Cristo Redentor...

Gabriel Weber: Você consegue ver que é um dia de feriado frio, assim, atípico, porque não tem um funk tocando, sabe? Só a vibração do ônibus. Se fosse dia de praia, geralmente, tipo, a galera já estaria lá na porta, até porque isso aqui vai lotado, né? O 474, ele gera repulsa, por onde ele passa, né? As pessoas se escondem. Até porque faz barulho, né? Tipo, já dá pra ouvir o grito, dá pra ouvir o funk. E aqui geralmente é onde sobem no teto, né, porque não tem mais paragem, e ele pega mais velocidade. E tem o túnel que dá uma onda.

Tiago Coelho: Com o ônibus tão vazio naquele dia, os surfistas rodoviários pareciam uma abstração, uma invenção do Gabriel. Ainda bem que tinham as marcas de chute na claraboia pra ele provar que não tava doido. A gente já tava saindo do Túnel Santa Bárbara.

Gabriel Weber: Ouviu a bossa nova tocando? Ouviu o João Gilberto cantando?

Tiago Coelho: Dali em diante era tudo Zona Sul.

Gabriel Weber: E eu sempre percebi que o túnel, ele é o grande portal místico, para o bem e para o mal do Rio de Janeiro. Tipo: existe um Rio antes do túnel, e um Rio completamente diferente depois do túnel. Tipo, você se sente que você está numa outra cidade, é um outro Rio de Janeiro já. É um Rio de Janeiro sem poste, sem fiação aparente, com árvore, com calçada de pedra portuguesa...

Tiago Coelho: Mas, pro passageiro do subúrbio – mesmo pra quem tá indo pra Zona Sul à lazer, pra ir à praia – esse trecho ainda não provoca nenhum alívio.

Gabriel Weber: Onde o 474 para no mesmo ponto do circular da Zona Sul, que é tipo um ônibus rebaixadinho, bem europeu assim e tal. Então é onde o passageiro do 474, ele sente que ele não está em casa e ele sente também que ele é persona non grata, ali. Aquilo é meio que uma parte obrigatória da via crúcis até a praia, mas se ela não existisse, tanto melhor, mas ela é obrigatória de existir. E acaba que ninguém sai, mas também ninguém entra nessa parte.

Tiago Coelho: Ninguém entra. Só, ocasionalmente, a polícia. A gente tava chegando no guichê de imigração.

Tiago Coelho: Como costuma ser a dinâmica quando chega aqui em Copacabana?

Gabriel Weber: Então, quando chega em Copacabana, o ônibus começa a esvaziar, onde a praia já é balneável, né? Mas só que ele continua cheio. Tipo, geralmente o que acontece é: eles sabem que a polícia vai parar, então eles descem do teto, e ficam sentadinhos, tipo: "senta, senta, senta", mas sempre engraçado porque ele sentam, mas as janela já tão todas arriadas, então é tipo: "Ah, não fiz nada", sabe? E e quando eles passam essa blitz, tipo, porque a PM geralmente tira... Mas depende muito do dia, sabe? Se já tem muita gente na delegacia, não vai muita gente. Por volta do meio dia já... sabe? E aí assim que ele passa essa PM, já volta tudo, e é tipo, dia de festa. Aí quando você para no sinal, você consegue ver tipo mais umas velhinhas olhando pela janela, pra botar no grupo de zap. E é bom que, tipo assim, é

umas velhinhas na janela, entre aquela bandeira do Brasil. Agora tá um pouco... agora sossegou.

Tiago Coelho: De alguma forma, essa viagem acabou sendo um pouco um anticlímax pra mim.

Gabriel Weber: Aqui o ponto final. E aí, gostaram da viagem? Foi muito zen, gente.

Tiago Coelho: "Zen" era tudo que eu não tava esperando. Além do pico do calor naquela semana, uns episódios recentes de arrastões e assaltos tinham trazido de volta a discussão sobre a prisão de adolescentes mesmo sem flagrante. Uma juíza da vara da infância proibiu a polícia de prender preventivamente jovens. O governador Cláudio Castro e o prefeito Eduardo Paes recorreram da decisão. E conseguiram derrubar. Eles alegaram que a apreensão sem flagrante serve como prevenção na política de segurança pública.

Tiago Coelho: E aí, Gabriel, com tantos problemas, aí, um ônibus que é inimigo do Estado... Por que que ele não pára?

Gabriel Weber: Porque eu acho que... acaba que esse ônibus é o Rio de Janeiro, mesmo. O Rio de Janeiro é esse caos. É uma cidade que depende da outra, que é feita uma da outra, né? Tipo, sem 474, quem é que vai varrer a Zona Sul? Quem é que vai servir o teu prato na Zona Sul? E sem o 474 como é que essas pessoas também tiram o sustento delas? E no final de semana, que é quando o 474 escapa a esse controle da rotina, é meio que... o escape dessa galera toda a esse script, né? Tipo: o explorado, não sei o quê, é mais ou menos como a catarse do carnaval, basicamente, assim. É uma afronta, sabe, é uma, de dizer: "Tô vivo" e, sei lá, "Vocês tentarem me matar, mas eu voltei", ou "Vocês tentam me matar constantemente, mas eu tô aqui todo sábado, de setembro a março, todo sábado fazendo arruaça, e vocês vão ter que me engolir", sabe?

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Coelho, repórter da revista piauí. Obrigada por ouvir a gente.

No post desse episódio no nosso site, dá pra ler a dissertação do Gabriel sobre o 474 e a matéria que Tiago Coelho escreveu lá em 2015 pra piauí sobre os meninos do 474, os “Capitães da Areia.” Não vai ter foto de camelo em cima de jangada, mas, em compensação, tem várias gravuras de bichos e artefatos feitas pela expedição ao Ceará.

Se você tem alguma saga épica ou pequena crônica que você acha que caberia no Apresenta, no site tem uma seção chamada “envie uma pauta”, com orientações pra como mandar pra gente.

Dá pra achar os episódios do Rádio Novelo Apresenta nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Segue a gente também no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marca a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Luiza Silvestrini.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.